

Projeto revitaliza Floresta da Tijuca

■ Entre as novidades, está prevista a construção de um museu com acervo referente ao primeiro ciclo do café no Rio

ANA CLAUDIA COSTA

Considerada o pulmão do Rio de Janeiro, a Floresta da Tijuca, área de 1,6 mil hectares no interior do Parque Nacional da Tijuca (PNT), está mudando. Após a parceria entre prefeitura e Ibama, com a realização de diversas melhorias, a maior floresta urbana do mundo, plantada na metade do século 19, quer muito mais. Um projeto, elaborado em conjunto com o Instituto Pereira Passos, Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Ibama, pretende transformar o local em um grande museu, contando toda a história do primeiro ciclo do café no Rio.

O gerente do PNT, Luiz Otávio Teixeira Mendes, quer revitalizar as ruínas do casarão da antiga Fazenda do Visconde de Asseca. O objetivo é transformar a construção, que quase desmoronou de vez com as chuvas de 1996, em um museu abert-

to à visitação pública. Mas as reformas não param por aí. Cerca de 116 sítios arqueológicos existentes dentro do parque também ganharam projetos de recuperação.

A administração do PNT também pretende construir prédios anexos ao casarão que possam abrigar uma exposição permanente, uma biblioteca, lojas e salas destinadas a pesquisadores. Para tanto, deverão ser derrubados casebres em más condições existentes no local. Há uma previsão para a conclusão do projeto no prazo de um ano, a um custo de R\$ 2,6 milhões.

Existem ainda projetos para a sinalização de trilhas e de monumentos, com placas e totens. Os cegos também não serão esquecidos. O desenho de uma trilha em relevo também possibilitará a visitação dos deficientes visuais. Algumas trilhas, no entanto, como a do Pico da Tijuca e a da Pedra do

Papagaio, trechos mais altos da Floresta, já estão sinalizadas.

Segundo o gerente do PNT, há projetos ainda para construção de guaritas em todas as entradas do parque, além da instalação de placas de identificação de toda a flora da Floresta da Tijuca. "Queremos proteger o patrimônio ecológico existente aqui", disse. Luiz Otávio disse ainda que a restauração do Mirante da Vista Chinesa, da Mesa do Imperador e da Bica dos Chineses já estão em execução.

Ainda não aberta ao público, a trilha da Cova da Onça, que dá acesso à Estrada do Sertão, caminho percorrido por escravos ainda com vestígios de calçamento do tipo pé-de-moleque, está sendo mapeada pelo arquiteto Dênis Gahyva. Para permitir o acesso ao local, uma ponte no melhor estilo Indiana Jones, foi construída sobre o Rio Humaitá.

Com tantos projetos para um parque (que recebe uma visitação semanal de cerca de 35 mil pessoas, incluindo os frequentadores do Corcovado), a administração do local está buscando parcerias com a iniciativa privada. "Já temos uma verba da prefeitura, agora, queremos a ajuda de uma empresa privada que esteja disposta a associar seu nome ao Parque Nacional da Tijuca", revelou Luiz Otávio.

Algumas parcerias, segundo ele, já estão fechadas. Várias trilhas foram adotadas por entidades da sociedade civil e escoteiros. Tal ajuda, explicou o gerente do parque, possibilitou a sinalização e a limpeza das trilhas. "Com a nova gestão estamos transformando a Floresta da Tijuca, que estava abandonada, em um local limpo e agradável para a visitação pública", concluiu Luiz Otávio.

Replântio feito no século 19

Idéia do então imperador Dom Pedro II, a Floresta da Tijuca como se conhece hoje só começou a surgir a partir da segunda metade do século 19. O desmatamento promovido por nobres da corte portuguesa, franceses e ingleses nas antigas fazendas de açúcar e café, nos séculos 17, 18 e início do século 19, e o fornecimento de água para a cidade, através dos mananciais ali existentes (que desde 1720 abasteciam a cidade com canalização do Rio Carioca), preocuparam o imperador.

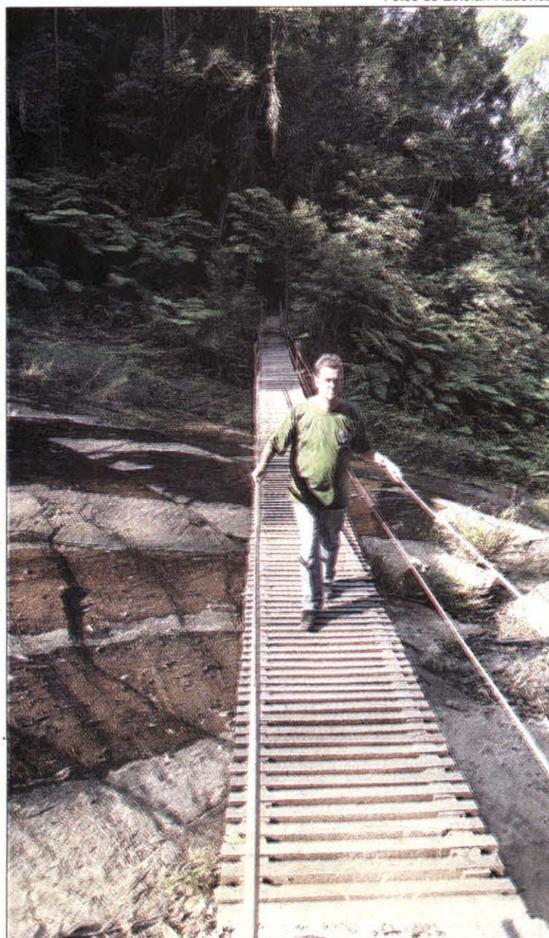
Para preservar os mananciais e acabar com o desmatamento, Dom Pedro II tomou medidas para proteção e recuperação do meio ambiente de uma área total de 1,6 mil hectares. Foi somente a partir de 1844 que o imperador desapropriou e tomou para si a guarda das áreas das nascentes. O surgimento da Floresta da Tijuca, no entanto, somente aconteceu a partir de 1861. Começou nesse ano o reflorestamento das encostas e o plantio de árvores.

A atribuição de reflorestar toda a área foi dada por Dom Pedro II ao major Manuel Gomes Archer. A missão era difícil, já que o major teria que plantar numerosas árvores de variadas espécies exóticas e nativas da Mata Atlântica. Com a ajuda de apenas seis escravos, conhecidos apenas como Constantino, Eleuthério, Leopoldo, Manoel, Matheus e Maria, a missão do major Archer durou 13 anos, com a plantação de 100 mil mudas, todas provenientes de um sítio em Barra de Guaratiba.

A continuidade do projeto, com o acréscimo de mais 30 mil mudas, só aconteceu 13 anos depois, sob o comando do barão D'Escragnolle e com a colaboração do botânico e paisagista francês Auguste François Glazou. Foi naquela época que surgiram no local pontes, mirantes, recantos e lagos. Os pesquisadores localizaram 116 sítios arqueológicos, resultantes do trabalho árduo dos criadores da floresta secundária (plantada).



A Trilha da Cova da Onça será sinalizada e aberta ao público



Dênis cruza a ponte sobre o Rio Humaitá, parte de um trilha

AS MUDANÇAS

Abaixo, alguns dos principais pontos do plano de revitalização do Parque Nacional da Tijuca (PNT), incluindo o que se pretende fazer na Floresta da Tijuca

- Criação do Museu Arqueológico, com a restauração do casarão da Fazenda do Visconde de Asseca, atualmente em ruínas. A construção é remanescente do primeiro ciclo do café no Rio de Janeiro e foi quase totalmente destruída durante as chuvas que assolaram a cidade, em 1996.
- Sinalização, mapeamento e abertura de novas trilhas na Floresta da Tijuca.
- Sinalização das trilhas em relevo para facilitar o acesso e o trânsito de deficientes visuais pela floresta.
- Construção de guaritas em todos os acessos do PNT.
- Restauração do Mirante da Vista Chinesa e reforma da Mesa do Imperador, da Bica dos Chineses e do Mirante dos Bonecos.
- Reforma da guarita de ingresso ao Corcovado.
- Confecção e instalação de 57 placas de identificação da flora existente na Floresta da Tijuca. A idéia é distribuí-las pelos locais mais visitados pelo público.

Dedicação ao parque

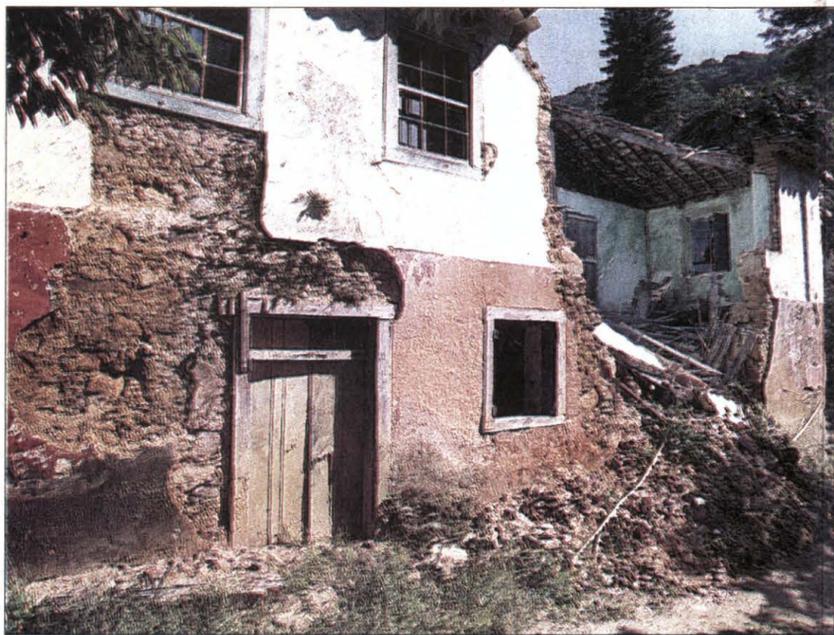
Para qualquer leigo, a rotina do arquiteto especializado em mapeamento de uso de solo e meio ambiente, Dênis Leite Gahyva, 47, seria uma grande maravilha. Responsável pela identificação, mapeamento e sinalização das trilhas do Parque Nacional da Tijuca (PNT), ele passa diariamente cerca de seis horas dentro da mata fechada. Há um ano trabalhando junto à equipe do parque, o uniforme é o mesmo: botas, calça jeans e camiseta.

Ele já fez o roteiro de 25 trilhas dentro do PNT. "Mas isso não é nada. Sei da existência de mais de mil trilhas no parque. Elas levam a diversos locais maravilhosos", informa o arquiteto. Para tal tarefa foram necessárias cerca de 50 caminhadas diárias. Dênis conhece todo o parque e a própria Floresta da

Tijuca como a palma da mão. "Em algumas trilhas, tive que dividir o trabalho em três dias", garante. Em outras, onde ainda falta sinalização, ele revela que já entrou na mata às 8h e só retornou às 17h, quando começou a cair a noite.

Mas nem só de aprazíveis caminhadas vive o entusiasta por meio ambiente, trilhas e natureza. Quando não está dentro da mata, sua atividade fica concentrada dentro da administração do PNT, envolvido com vários papéis para a confecção de mapas.

Há vinte anos na prefeitura, ele agora tem um único objetivo no parque: terminar a trilha circular, uma espécie de caminho onde o excursionista ou trilheiro possa circular todo o parque sem deixar de passar pelos principais pontos, como o Pico da Tijuca e o Bico do Papagaio.



O casarão da antiga fazenda do Visconde de Asseca será reformado e transformado em museu



Localizadas na Fazenda do Visconde de Asseca, a bica e a banheira deverão ser restauradas



A Cascatinha de Taunay (ao fundo) é um dos locais mais visitados na Floresta da Tijuca